



Metodologias Pedagógicas no Programa Jovem Aprendiz: Antes, Durante e após a Covid-19

Pedagogical Methodologies in the Young Apprentice Program: Before, During and After Covid-19

Raquel Games Monteiro

Mestre em História Social, Universidade Federal Fluminense.

Flávia Pierrotti de Castro

Professora Doutora Associada, PECEGE (USP/ESALQ).

Resumo: O presente trabalho procurou discutir a educação profissional, no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem em sua estrutura e metodologias, tendo como cenário de fundo o fenômeno mundial da pandemia de Covid-19 e as relações de seu impacto na capacitação teórica do programa de aprendizagem em uma Instituição Capacitadora do Rio de Janeiro. O cerne central da pesquisa foi discutir a atuação pedagógica nos três momentos (antes, durante e após a pandemia), considerando os contextos/perfil dos jovens aprendizes e os desafios que os novos moldes trouxeram, variando com as condições socioeconômicas de cada grupo. Este trabalho procurou também apontar a metodologia de planos de aula que já são aplicados nas instituições de ensino capacitadoras, considerando os momentos de oscilação nos últimos três anos devido às irregularidades e readaptações resultantes do impacto da pandemia de Covid-19. Para tanto, foi realizada pesquisa quantitativa, cruzando as informações das coletas de dados do perfil dos jovens com a análise documental dos planos de ensino vivenciados.

Palavras-chave: educação profissional; aprendizagem; pandemia.

Abstract: This paper sought to discuss professional education, concerning the process of teaching and learning in its structure and methodologies, against the backdrop of the worldwide phenomenon of the Covid-19 pandemic and the relationships of its impact on the theoretical training of the program. Learning at a Training Institution in Rio de Janeiro. The central core of the research was to discuss the pedagogical performance of the three moments (before, during, and after the pandemic), considering the contexts/profile of the young apprentices, and the challenges that the new models brought, varying with the socioeconomic conditions of each group. This work also sought to point out the methodology of lesson plans that are already applied in training institutions, considering the moments of oscillation in the last three years due to irregularities and adaptations resulting from the impact of the Covid-19 pandemic. To this end, a quantitative study was carried out, crossing information from data collection on the profile of young people with documentary analysis of the teaching plans experienced.

Keywords: professional education; learning; pandemic.

INTRODUÇÃO

Nos últimos sessenta anos, o Brasil tem avançado na prática do conceito “trabalhabilidade” no campo das juventudes. Entende-se o conceito como o meio de exercer trabalho, a partir das necessidades percebidas de uma sociedade e de como

o indivíduo se posiciona com o objetivo de construir sua renda. Este conceito está relacionado ao empreendedorismo com autoconhecimento, à consciência cidadã e a formas inovadoras de produzir (Andrade, 2010). Inserir o jovem no mundo do trabalho também se tornou uma proposta inovadora, tendo em vista a dificuldade histórica de inserção do jovem no seu primeiro emprego.

No segundo período da Era Vargas, já se falava como medida legal sobre a preocupação com a iniciação profissional para as juventudes. Entretanto, apenas quase cinquenta anos depois que o programa de aprendizagem foi de fato inaugurado, como resultado de uma luta histórica para que o jovem pudesse ter sua primeira experiência de trabalho protegida, como citado pela autora Elenir Graf sobre a evolução histórica e legislativa para o menor no território brasileiro (Graf, 2008). Não é coincidência a lei ter entrado em vigor e em prática após o desenvolvimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na década de 1990, que visa à proteção dos menores.

Desta forma, a lei da aprendizagem diminui os braços do trabalho infantil porque regulariza o trabalho formal, ao mesmo tempo em que desenvolve a trabalhabilidade. A única forma atual do menor exercer trabalho é através do programa de aprendizagem, de forma que ele não seja explorado e que seus direitos sejam respeitados (Falcão, 2019).

De acordo com Luck (2013), na obra “A gestão participativa na escola”, a gestão escolar possui diversas frentes de atuação. A proposta deste estudo tratou justamente de explorar uma dessas frentes no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem em sua estrutura, tendo como cenário de fundo o fenômeno mundial da Covid-19. Neste trabalho, foi analisada a educação profissional, visando às práticas pedagógicas no programa Jovem Aprendiz antes, durante e após a pandemia. Foi pesquisado através da experiência de educadores nas turmas de capacitação teórica, baseado na Lei 10.097/2000, que regulamenta a questão da aprendizagem.

De acordo com o manual de aprendizagem, o programa foi criado em 2005 através da lei supracitada. Ela determina que as empresas de médio e grande porte devem contratar jovens aprendizes, com a porcentagem de 5% a 15% do número de funcionários. A lei também prevê que a carga horária do jovem deve ser reduzida, pois o mesmo precisa estar regularmente matriculado e ativo na escola.

Gonçalves (2014) destaca em seu estudo a importância do programa para a formação profissional da juventude. Nele, a autora destaca os pilares que estão presentes na ideia de trabalho decente, que devem perpetuar e nortear o programa, como elementos que visam a uma melhor educação, mesclada ao diálogo social, a oportunidade de conciliar os estudos com o trabalho e a vida familiar, além da inserção digna no mundo do trabalho.

Através da constatação da autora, pode ser observado que o programa de aprendizagem se caracteriza como uma política pública eficiente, baseando-se na verificação de resultados a partir de sua estrutura e da metodologia de planos de aula que já são aplicados nas instituições de ensino capacitadoras. Castro (2007)

destaca que a aprendizagem foi uma das soluções para diminuir a exploração das juventudes, porque assegura um ambiente de trabalho adequado, garantindo a educação regularizada com a escola secular e mão de obra qualificada, assegurando todos os direitos trabalhistas que são previstos em lei, como férias, décimo terceiro, repouso semanal, entre outros.

Foi avaliado que, de fato, a capacitação teórica está muito mais próxima de um exercício de educação humanizadora do que de um exercício tecnicista. Porque na capacitação teórica, o jovem não é apenas introduzido a uma profissionalização mecânica, mas está relacionado a temas transversais voltados para a cidadania, política, direitos, a que muitos meninos/as não têm acesso no processo da escolarização, mas passam a ter contato pela primeira vez no programa Jovem Aprendiz.

Desta forma, o cerne central da pesquisa foi comparar a atuação pedagógica nos três momentos: antes, durante e, conseqüentemente, possibilidades após a pandemia que o programa de aprendizagem vivenciou nos últimos anos. Baseado no questionário sobre o perfil dos jovens considerando os contextos dos aprendizes e os desafios que os novos moldes trouxeram variando com as condições socioeconômicas de cada grupo. Sendo o maior objetivo final, cruzar os dados do perfil dos jovens com a questão do acesso à tecnologia no contexto de pandemia.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada na presente pesquisa abrange a análise documental dos planos de ensino da instituição capacitadora nos momentos antes, durante e após a pandemia, assim como a aplicação de questionário visando a pesquisa quantitativa. A metodologia resulta na triangulação (Corsetti, 2006) entre entrevista, documento e o cruzamento dos dados para análise do contexto do programa e seus resultados frente aos desafios do Covid-19.

Como lócus da pesquisa, foi definida uma instituição capacitadora responsável pelo Programa de Aprendizagem, baseado na lei da aprendizagem (10.097/2000) do município do Rio de Janeiro. A Instituição autorizou a pesquisa sobre os materiais de ensino da mesma, assim como a aplicação do questionário em cinco turmas da capacitação teórica.

Os formulários quantitativos aplicados aos jovens tiveram o objetivo de levantar o perfil baseado no recorte racial, de gênero e de condição econômico-social de, no mínimo, cinco turmas da capacitação teórica. Outro recorte necessário aplicado ao formulário foi as questões sobre os recursos tecnológicos. Todas as questões aplicadas no formulário podem ser verificadas no Apêndice deste trabalho. Através de ambos os objetivos foram realizadas perguntas sobre a questão dos acessos e recursos.

O formulário aplicado aos jovens das turmas teve como recurso principal a movimentação e atuação dos aprendizes no período de distanciamento social devido à Covid-19 e às experiências presenciais, anteriores à quarentena. Foi realizada

uma breve análise documental sobre os planos de encontro nos três momentos diferentes: antes, durante e possibilidades após a pandemia, com o objetivo final de discutir o perfil traçado no formulário com a prática pedagógica. Ou seja, relacionar as informações do formulário com as metodologias que foram empregadas em momentos diferentes da instituição capacitadora em questão.

Com base nesses pontos citados, o formulário foi enviado para 133 jovens, envolvendo a participação de cinco turmas no contexto de “Home Office”. Aplicado na semana de 07 de jun. de 2021 a 14 de jun. de 2021 via formulário “on-line” através da ferramenta “Google Forms”, em que os jovens acessaram o “link” enviado pela educadora das turmas e responderam às perguntas, com a permissão documental da supervisão geral da instituição estudada.

No formulário continham-se perguntas que buscavam traçar o perfil dos jovens (idade, sexo, estado civil, identidade de gênero, dados sociodemográficos, renda per capita, entre outros) e perguntas específicas que envolvem o objetivo principal desta pesquisa no que tange aos recursos tecnológicos. Desta forma, foi possível cruzar os dados do perfil com a questão do acesso à tecnologia no contexto de pandemia.

Por fim, os planos de aula que foram consultados para coleta de dados são chamados, de Planos de Encontro. Nele, o jovem é protagonista e responsável coletivamente pela construção do espaço de aprendizagem. O encontro possui seis momentos para a atuação e desenvolvimento do aprendiz. São eles: Acolhimento, Problemática, Leitura de Mundo, Produção em Grupo, Apresentações e Avaliação. Através dessa metodologia de encontro são desenvolvidas competências comportamentais, habilidades e temas previstos na Base Nacional Comum Curricular [BNCC], como projeto de vida, saúde e sexualidade, drogas e prevenção, juventudes, entre outros.

Nos próximos tópicos deste trabalho serão abordados os resultados apurados. Destaca-se que, dos 133 formulários enviados via mídia social – “WhatsApp”, houve retorno de 99 respondidos pelos jovens. Torna-se necessário ressaltar que todas as respostas utilizadas para esta pesquisa foram de jovens acima de 18 anos (maiores de idade), sendo excluídas as respostas de menores. Desta forma, a discussão do próximo tópico será baseada nesse quantitativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Apresentação do Contexto do Programa antes da Pandemia

Em relação à estrutura pedagógica e logística da metodologia presente no Programa Jovem Aprendiz da Instituição capacitadora na capital do Rio de Janeiro, é válido ressaltar que outras Instituições capacitadoras não possuem essa mesma metodologia. Os fatores em comum são apenas os que estão previstos na Lei da aprendizagem. Entretanto, esta instituição é a que mais possui contratos com as

empresas e, consequentemente, é a instituição capacitadora que aloca mais jovens aprendizes no Brasil.

A empresa conta com a parceria e os recursos pedagógicos de outra instituição, na qual ela é responsável pela formação inicial e continuada dos educadores, assim como a metodologia pedagógica utilizada hoje na capacitação teórica do programa. Essa metodologia e essas formações também são utilizadas em polos de outras regiões do Brasil, entretanto, cada polo possui autonomia na aplicabilidade, pois isto se modifica de acordo com a realidade da cidade e do estado em que está inserido.

Com o objetivo de situar o leitor sobre a estrutura do programa, as linhas abaixo serão dedicadas a discorrer sobre o funcionamento e como se dá o sistema:

O programa de aprendizagem se divide em capacitação teórica e capacitação prática. A prática ocorre nas empresas parceiras que contratam os jovens aprendizes. Já a capacitação teórica é fornecida por instituições capacitadoras, como é o caso da Instituição em questão. Desta forma, o aprendiz passa por três módulos:

- O primeiro chama-se Matéria Teórica Básica Inicial [MTBI]. Neste módulo, o aprendiz participa todos os dias durante um mês antes de ter o contato com a empresa. Ele é muito importante porque os jovens aprendem sobre postura profissional, temas relacionados ao meio corporativo e regras do programa de aprendizagem (como vestimenta, linguagem, envio de e-mail, entre outros), para não chegarem “crus” na empresa.
- O segundo é o momento em que os aprendizes têm o primeiro contato com a empresa. Eles não passam mais a ir todos os dias para a capacitação teórica. A carga horária passa a ser semanal, sendo dividida entre quatro dias na empresa e um dia na capacitação teórica. É quando os jovens vão para as turmas de Mundo do Trabalho onde aprendem sobre temas atuais da vida cotidiana. Tem a duração de aproximadamente oito meses.
- Em terceiro e último, está o módulo final que se chama turma específica, em que o aprendiz aprende um pouco mais sobre sua área de atuação na empresa. Os cursos são: ocupações administrativas, comércio e varejo, logística, auxiliar de produção, serviços bancários, entre outros. Embora sejam cursos de atuação, eles não são técnicos nem profissionalizantes, mas o foco destas turmas é ampliar as trocas das vivências dos jovens no espaço de trabalho (da capacitação prática) junto ao novo conteúdo fornecido. Onde o aprendiz relaciona conceitos, temas, aparatos teóricos e atividades com situações que vivenciou no trabalho. Também tem a duração de aproximadamente oito meses.

Outro ponto válido para destaque sobre a estrutura do programa é que o mesmo não utiliza o conceito de aulas, mas sim de encontros. Baseado na metodologia de Paulo Freire que aponta a relação entre educador e educando em mútuo aprendizado, acredita-se que o encontro deve ser construído coletivamente e através do compartilhamento da vida cotidiana. Os encontros têm a duração de quatro horas ou seis horas, dependendo da carga horária do contrato, e os aprendizes são remunerados como em dia de trabalho normal.

A metodologia do programa é fornecida por outra instituição, que entrega prontos à instituição capacitadora da aprendizagem os planos de encontro (compostos pelos conteúdos dos trajetos e pela metodologia a ser desempenhada no encontro de todos os três ciclos por que o jovem transita no programa). Nela, o educador tem papel de mediador e deve estar sempre estimulando os aprendizes a participarem ativamente. Os encontros têm a proposta de desenvolver habilidades e competências. O conceito adotado no programa é de Mundo do Trabalho conforme sinalizado na BNCC e na lei da aprendizagem, e não Mercado de Trabalho. Entende-se que o trabalho não deve seguir a lógica apenas de contratado e contratante, mas que existem diversas questões que envolvem o trabalhador, como suas aspirações, desafios pessoais e profissionais, conjuntura social, transporte público, sua identidade, além de outros fatores. No programa não se enxerga o jovem como máquina ou como alguém que apenas está vendendo sua mão de obra, mas sim como sujeito pensante que possui demandas cotidianas em que o trabalho também está envolvido e como essas demandas impactam e podem impactar na forma que ele atua no exercício do trabalho.

A estrutura dos planos de encontro chama-se mandala. O plano é dividido em seis etapas: Acolhimento, Problemática, Leitura de Mundo, Produção em Grupo, Socialização e Avaliação. Os pressupostos teórico-pedagógicos principais que norteiam o programa são “Educação como prática da liberdade, autonomia e cidadania: progressista, de modo a contribuir para a transformação social com desenvolvimento sustentável e justiça; libertária, capaz de estimular as pessoas a desenvolverem a autonomia e o poder de resolver problemas; e multicultural, apta a favorecer o diálogo entre diferentes culturas.”. O educador é orientado a respeitar cada etapa conforme sinalizado no plano e a sala deve se manter sempre no formato de círculo. Abaixo está a descrição de cada etapa:

- **Acolhimento:** Trata-se do primeiro contato de integração entre o educador e os jovens para iniciar o encontro. Normalmente é utilizado algum quebra-gelo, dinâmica para abordar o tema do dia e para colher relatos, de forma que o aprendiz se sinta confortável para participar do encontro.
- **Problemática:** Nesse momento, o educador faz questionamentos sobre situações-problema referentes ao tema, em que os jovens precisam relatar suas percepções. Normalmente é introduzida como uma conversa para descontrair a participação dos aprendizes.
- **Leitura de Mundo:** Este é o momento em que são inseridos os objetos de aprendizagem para contextualizar o tema do dia com as questões já levantadas nas etapas anteriores. Normalmente são utilizados textos, vídeos, entrevistas, programas, entre outros materiais.
- **Produção em Grupo:** Esta etapa é muito importante, pois consiste na produção. Normalmente é realizada em grupo e os jovens podem desenvolver a competência de trabalho em equipe. O educador fornece materiais orais ou escritos para o desenvolvimento das atividades. Podendo ser produção de cartazes, simulação da realidade (teatro),

produção de textos, histórias, entre outros formatos criativos de desenvolvimento.

- **Socialização:** É o momento de apresentar o que foi produzido, momento de compartilhar as vivências do que foi experimentado na etapa anterior. Trata-se de uma etapa muito importante porque estimula o planejamento individual ou em grupo e a prática de falar em público.
- **Avaliação:** Para o fechamento do encontro, os aprendizes fornecem um feedback ou registro coletivo sobre o desenvolvimento do encontro do dia ou da finalização de um trajeto. Também pensam no tema e nas indicações para o próximo encontro.

No Anexo I segue o modelo de um dos temas aplicados baseado na estrutura de encontro supracitada. Trata-se do tema “Trabalho e Dimensões Humanas”

Esse encontro tem como objetivo “Refletir sobre o conceito e as dimensões humanas relacionadas ao contexto do trabalho.” É iniciado com uma atividade coletiva em que os jovens precisam responder o que significa trabalho para eles, construindo um mural e depois discutindo o resultado final com a mediação do educador. O plano contém os comandos que o educador precisa seguir em todas as etapas e os materiais didáticos que precisam ser introduzidos em cada etapa.

Em seguida, a discussão deve ser emendada na problematização, onde são feitas perguntas aos jovens para aprofundar suas percepções sobre esse tema. Perguntas como: “Vocês se sentem bem com o trabalho que desempenham ou desejam mudar alguma coisa nas suas rotinas?”, “Vocês se sentem livres e à vontade nos seus ambientes de trabalho?”, entre outras questões. Para fechar esse momento (mas sempre de forma fluida), o educador mostra uma imagem prevista no plano que representa um ser humano e seus diferentes afazeres.

No momento seguinte que se trata da leitura de mundo, é aplicada a ferramenta pedagógica de: primeiro) Um texto “Visões positivas e negativas do trabalho” de Paulina Christov da Equipe de Elaboração da Flacso e em segundo) De um vídeo “El Empleo”¹. Nesse contexto, o texto deve ser lido individualmente e o educador deve estimular a discussão dos pontos importantes do material para os aprendizes, bem como explicitar suas interpretações. O plano também indica o aprofundamento da discussão através do questionamento aos jovens se o trabalho dignifica o homem ou não. E em relação ao vídeo, o objetivo dele é provocar “reflexão sobre como as pessoas percebem os serviços que utilizam e com eles se relacionam na sua rotina diária, assim como com o seu próprio trabalho.”

As últimas etapas foram classificadas como a segunda parte do encontro. Porque é o momento que é dedicado à produção em grupo e à apresentação do trabalho. Sempre, em todo plano de encontro, os jovens devem apresentar de alguma forma suas produções. No contexto do plano de Trabalho e Dimensões

1 Sinopse do vídeo extraído do plano de encontro TRABALHO E DIMENSÕES HUMANAS: “El Empleo: O diretor Santiago Bou Grasso e o roteirista Patricio Plaza nos apresentam um curta de 6 min em que se promove uma crítica política e sociológica sobre o trabalho. O curta acompanha a rotina de um homem, desde o levantar da cama até seu local de trabalho em um mundo angustiante, onde objetos e pessoas não possuem diferenças.” p. 3.

Humanas, os aprendizes deveriam ser organizados em cinco grupos, e cada grupo ficaria responsável por uma das dimensões relacionadas ao ser humano e ao trabalho, nas quais deveriam refletir e registrar (através de cartazes e relatórios). Sendo elas psicológicas, fisiológicas, sociais, econômicas e de poder.

Por fim, para fechar o encontro, a etapa de “avaliação e planejamento” é um momento para o jovem refletir e concluir tudo o que foi visto no dia do encontro. Assim, o educador solicita que eles preencham as seguintes frases: “Como trabalhadores queremos ter _____” e “Como trabalhadores queremos ser _____”. Após a conversa sobre isso e sinalizando o próximo tema, é encerrado o encontro.

Entretanto, toda a estrutura supracitada precisou ser modificada com o advento da Covid-19. Embora possuísse uma metodologia dinâmica e participativa de aprendizagem, a Instituição não estava preparada para os modelos híbridos ou à distância que a quarentena trouxe. Como já exposto, a metodologia do Programa era voltada apenas para o sistema presencial.

A Apresentação do Contexto do Programa Durante a Pandemia

Com o crescimento da pandemia da Covid-19, em março de 2020 foi necessário interromper as atividades presenciais, e a capacitação teórica precisou ser realizada em “home office”. Entretanto, inicialmente não se imaginava que duraria todo o tempo que vivenciamos posteriormente (atualmente completou mais de um ano nesse contexto). O programa foi se adaptando e reavaliando mês a mês. Foi neste momento que precisaram repensar qual modelo poderiam ofertar, de forma que o jovem pudesse cumprir a carga horária, receber o conteúdo e a formação cidadã como são previstos na lei da aprendizagem, ao mesmo tempo, suscitar meios para que os aprendizes pudessem ter acesso, entendendo que o cenário dos jovens também não havia se preparado para um contexto de pandemia. Isto é, muitos aprendizes não tinham os recursos básicos e necessários para a participação remota efetiva.

No primeiro momento e ainda no ano atual de 2021, foram descartadas as plataformas de reunião ao vivo, pois ficou entendido que isso excluiria jovens que não possuem acesso regular à internet, assim como toda ferramenta que envolvia vídeos ou áudios, porque, para os jovens que realizavam as atividades utilizando apenas os dados móveis, não conseguiriam acessar, pois sua internet acabaria rapidamente. A proposta elaborada foi de fornecer atividades em “PDF” que os aprendizes deveriam realizar no dia e horário do encontro. Nesse modelo, qualquer jovem conseguiria acessar, pois tratava-se de um documento leve e que poderia ser enviado também por meio de imagens, através do “e-mail” ou do aplicativo de mensagens instantâneas “Whatsapp”. Ao longo do ano de 2020, os formatos passaram por diversas modificações.

Atualmente, o modelo de atividade tem seguido o formato dos planos de encontro discutidos no tópico anterior, mas adaptado ao sistema remoto. Essas adaptações têm sido realizadas pela equipe dos educadores. O documento completo do exemplo do “Trabalho e dimensões humanas” está no Anexo III.

Em comparação ao modelo presencial apresentado no tópico anterior, podemos observar que a dinâmica e as adaptações foram realizadas, por serem contextos diferentes. Se no modelo presencial, os jovens tinham o momento do Acolhimento coletivo em que precisavam verbalizar suas percepções e construir o painel em conjunto com a mediação do educador, por outro lado, no modelo remoto de atividade, essa parte crucial para a introdução do encontro foi removida, iniciando nas perguntas da problematização, em que os jovens devem respondê-las como um questionário e anotar suas percepções sobre a imagem que foi sugerida como objeto de aprendizagem.

A etapa da leitura de mundo no modelo remoto, assim como todo o plano, também foi adaptada. Agora, este momento não coloca o vídeo como obrigatoriedade, mas sim como uma sugestão para ampliar o tema. E em relação ao texto, que se tornou o objetivo de aprendizagem principal, não se trata mais de uma leitura individual seguida de discussão, mas com comandos para trabalhar o material “Faça a leitura atenta do texto, separe dois trechos que considere mais importantes e destaque-os, justificando por que os considera tão importantes e explicando, com suas palavras, o que a autora quis dizer neste trecho. Na sequência, responda: O trabalho dignifica ou explora o ser humano? Por quê?”.

Em seguida, o que anteriormente era classificado como Produção em Grupo, seguida de socialização, agora trata-se de um desenvolvimento e entrega individuais em que o jovem precisa escolher uma das dimensões humanas e do trabalho já citadas e construir um painel com as informações que pesquisar e suas percepções. No modelo de atividade remota, a atividade se encerra nesta etapa.

Entretanto, alguns apontamentos precisam ser realizados sobre a qualidade do desenvolvimento de competências e habilidades deste novo modelo. O trabalho do aprendiz nesse contexto passa a ser solitário e voltado apenas para a produção; o momento de reflexão coletiva e socialização é fundamental para desenvolver habilidades como trabalho em equipe, oralidade, falar em público, empatia, entre outros. Outro problema que surge nesse novo modelo é a questão dos plágios nas atividades, pois muitos possuem o costume de realizar cópias da internet, sem a devida reflexão sobre o tema. Como manter então a qualidade no contexto remoto? Entende-se como qualidade: mesmo em contexto de ensino à distância, manter o desenvolvimento de competências e habilidades que são fundamentais para a formação profissional e cidadã dos jovens. Esta discussão retornará no próximo tópico sobre as sugestões e possibilidades pós-pandemia.

É válido destacar que no momento de quarentena havia dois contextos de jovens: os que já haviam vivenciado a capacitação teórica no modelo presencial. E por outro lado, os jovens que não vivenciaram o contexto presencial na capacitação teórica, pois foram contratados durante a pandemia, no modelo remoto. Os aprendizes que participaram do preenchimento do formulário foram o segundo grupo citado, todos foram jovens que entraram no Programa Aprendiz em contexto de pandemia.

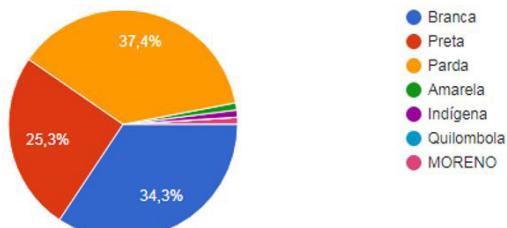
Análise dos Resultados do Formulário

Neste tópico serão apresentadas a análise das respostas dos jovens ao formulário e os gráficos para explicitar o balanço dos resultados, contendo assim breves discussões. Principalmente, quanto ao quadro socioeconômico, mesclado às condições de acesso aos recursos tecnológicos dos entrevistados.

- A faixa etária: No programa aprendiz é permitida a participação de jovens de 14 a 24 anos. A pesquisa foi realizada apenas com os jovens com maioridade. Sendo assim, os aprendizes com 18 anos representam 12,1%; com 19 anos 23,2%; com 20 anos 38,4% dos votantes; com 21 anos 19,2%; com 22 anos 6,1%; com 23 anos 1%. Desta forma, a maior parte dos jovens concentra-se nas idades entre 18 e 21 anos. Sendo a menor quantidade de jovens de 22 e 23 anos, e que jovens de 24 anos não existem nessas turmas.
- Sobre o estado civil, 99% dos jovens sinalizaram que são solteiros e 3% do total de votantes sinalizaram que têm um filho. Sobre a nacionalidade, todos apontaram que são brasileiros. E em relação à naturalidade, 94,9% nasceram na capital do Rio de Janeiro, sendo os 5% restantes nascidos em outros estados ou municípios do Rio.
- O somatório das turmas envolvidas é constituído majoritariamente pelo sexo feminino, significando 59,6%. E para o sexo masculino, a minoria, são 40,4%. Isso se refletiu também na identidade de gênero, sendo a maioria mulheres cis, totalizando 55,9% das votantes, em seguida, o homem cis, representando 34,4%. Dos votantes, 5,4% preferiram não responder e 1,1% não souberam responder. Houve também conflito de entendimento sobre o conceito com 3% dos últimos votantes, que confundiram em suas respostas identidade de gênero com orientação sexual.
- Em relação ao recorte étnico-racial, ficou evidenciado na aplicação do formulário que as turmas são formadas em sua maioria por aprendizes pretos e pardos, esse grupo totaliza 62,7% dos votantes. Seguido de 34,3% de jovens que se classificaram como brancos, 1% de amarelos e 1% de indígenas.

Qual é a sua cor ou grupo étnico/racial?

99 respostas



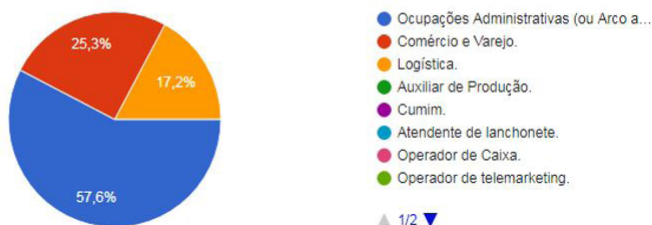
Fonte: autoria própria.

- Em relação aos dados sociodemográficos, foi sinalizado pelos aprendizes que a maioria reside na zona oeste do Rio de Janeiro. A maioria, com 39,4% dos votantes, apontou que classifica seu bairro como de baixa renda. Seguido de 24,2% de bairro de classe média e 22,2% de bairro de classe média baixa. Os jovens que votaram e residem em favela ou comunidade totalizaram 12,1% dos votantes. Apenas 2% sinalizaram que são de bairros de classe média alta. Para baixo de alta renda, não houve votos. Foram aplicado também quatro perguntas sobre o contexto de violência nesses bairros, em que os aprendizes precisavam sinalizar SIM ou NÃO. Para a vítima de furto, 27,3% disseram que foram vítimas. Na outra pergunta se já foram vítimas de roubo, 27,3% disseram que sim. Para agressão física, 3% disseram que sim. E para vítimas de operações policiais, 32,3% dos jovens disseram que sim. Isto quer dizer que houve mais aprendizes vítimas das ações das operações policiais do que das outras ações violentas sinalizadas nas perguntas.
- Ainda sobre o contexto de moradia, 56,6% dos jovens apontaram que moram com os pais, e 32,3% moram apenas com a mãe (podendo ter irmãos). Apenas 3% dos jovens disseram que moram sozinhos e a mesma quantidade sinalizou que moram com avô, avó ou ambos. 3% dos jovens disseram que moram com parentes, com namorado/a ou cônjuge e pai (podendo incluir irmão). A maioria dos jovens (33,3%) respondeu que moram quatro pessoas em sua residência contando com eles. Em seguida, 31,3% sinalizaram que três pessoas contando com eles moram em sua residência, 23,1% disseram que moram com mais de cinco pessoas contando com eles e 12,1% sinalizaram que moram com duas pessoas contando com o votante. O restante trata-se dos jovens que haviam sinalizado que moram sozinhos.
- Sobre o nível de escolaridade, a maioria dos jovens, 59,6%, já concluiu o ensino médio. Em seguida, 30,3% estão cursando o ensino superior e 4% ainda estão cursando o ensino médio. Do total dos jovens, 3,7% sinalizaram que concluíram o ensino superior e 1% está cursando o supletivo. Ou seja, dos jovens que já concluíram o ensino médio, aproximadamente a metade deles já se inseriu no nível superior, enquanto a outra metade ainda não ingressou na universidade. A maioria dos jovens que participaram da pesquisa é oriunda da escola pública, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. A maioria dos jovens (63,6%) disse que não fizeram curso técnico, mas 29,3% dos aprendizes sinalizaram que já fizeram e concluíram e 7,1% estão cursando.
- Foi perguntado também no formulário sobre as áreas de atuação dos jovens no programa de aprendizagem. A maioria do programa nas seis turmas entrevistadas (57,6%) sinalizou que é da área de ocupações administrativas, em seguida, 25,3% de comércio e varejo e, por último, 17,2% da área de logística. Desses jovens, a maioria (74,7%) sinalizou que pretende seguir trabalhando ou estudando na área em que atua

no programa de aprendizagem e 92,9% disseram que pretendem ser efetivados na empresa.

Qual é o seu curso/área na capacitação teórica do programa jovem aprendiz?

99 respostas



Fonte: autoria própria.

- Em relação à renda familiar mensal, a maioria dos jovens (83,2%) apontou que vive com até três salários mínimos. 13,1% vivem com três a cinco salários mínimos e apenas 3,7% são acima de cinco salários mínimos. A maioria dos jovens (86%) também sinalizou que, através do salário e dos benefícios do programa aprendiz, ajudam a complementar a renda familiar. Desses jovens, 16,8% sinalizaram que exercem outra atividade de trabalho além do Jovem Aprendiz, sendo esse trabalho informal, e muitos iniciaram ainda na adolescência antes de terem acesso ao programa Jovem Aprendiz, desenvolvendo atividades de 12 a 17 anos de idade como ajudantes de pedreiro, vendendo doces, entregadores, garçons, panfletagem nas ruas, oficina, atendentes de minimercados e lojinhas. Para muitos jovens, o programa aprendiz foi o primeiro exercício de trabalho formal, alguns desses sinalizaram que já haviam participado do programa anteriormente em outra área.
- Em relação ao impacto do programa na realidade dos jovens, os mesmos sinalizaram que a maior mudança em suas vidas após a entrada no programa foi o crescimento profissional (64,5% dos jovens), 17,8% foi a oportunidade financeira, 12,1% foi a oportunidade de mais experiência em sua área de atuação e 5,6% sinalizaram crescimento pessoal. Sobre as motivações pelas quais procuraram o programa Jovem Aprendiz, a maioria sinalizou que aumenta as oportunidades de entrar no mundo do trabalho.

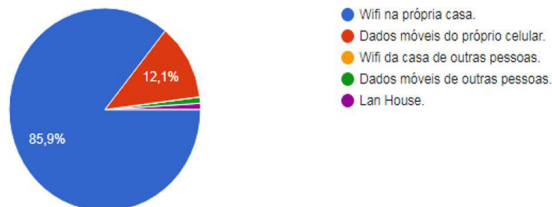
A segunda parte do formulário foi dedicada a investigar as questões dos recursos tecnológicos.

- Sobre a conexão da internet, 86,9% dos jovens sinalizaram que possuem Wi-Fi na própria casa, 11,2% disseram que têm acesso à internet através dos dados móveis do aparelho celular, 0,9% destacaram que usam os dados móveis de outra pessoa, assim como 0,9% acessam a internet através de LAN HOUSE.

RECURSOS TECNOLÓGICOS

Qual conexão da internet você mais utiliza?

99 respostas

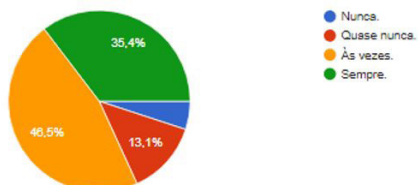


Fonte: autoria própria.

- Sobre os equipamentos que os aprendizes utilizam para realizar as atividades da capacitação teórica, a maioria (70,1%) sinalizou que utiliza o aparelho celular. Depois, notebook com 43,9% dos votantes, 11,1% usam o computador fixo, 5,6% realizam os trabalhos a manuscrito e 1,9% usam tablet. Ou seja, mesmo 86,9% possuindo Wi-Fi em casa, a maioria dos jovens realiza as atividades pelo celular.

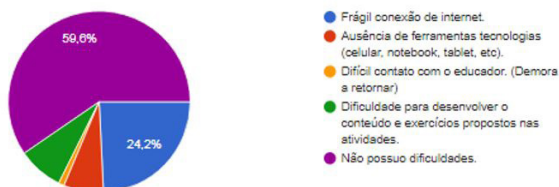
Você manuseava com frequência a ferramenta tecnológica E-MAIL antes de vivenciar o período de pandemia no CIEE?

99 respostas



Qual a sua maior dificuldade para participar dos encontros remotos?

99 respostas



Fonte: autoria própria.

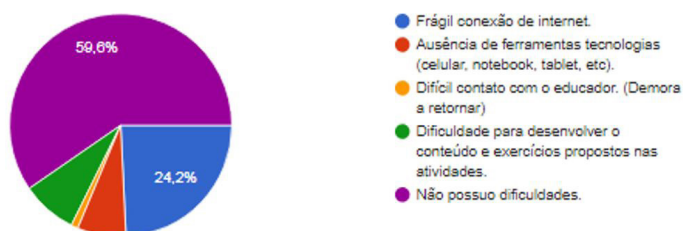
- Outra questão suscitada no formulário foi sobre a frequência na ferramenta tecnológica “e-mail”. Apenas 34,6% dos jovens sinalizaram que possuíam o hábito de manusear o “e-mail”, já 45,8% disseram que manuseavam

apenas às vezes, 15% sinalizaram que quase nunca acessavam e 4,7% nunca acessavam.

- Sobre a dificuldade de participação nos encontros remotos, 24,2% dos jovens disseram que seu maior problema é a conexão com a internet (lembrando que mais de 86% haviam sinalizado que possuíam “Wi-Fi” em casa, logo, não necessariamente essa conexão é eficiente). Já 7,1% sinalizaram que a maior dificuldade é a ausência de ferramentas tecnológicas. 8,1% disseram que têm dificuldade para desenvolver as atividades propostas pelo programa e 1% disse ter dificuldade de contato com o educador.

Qual a sua maior dificuldade para participar dos encontros remotos?

99 respostas

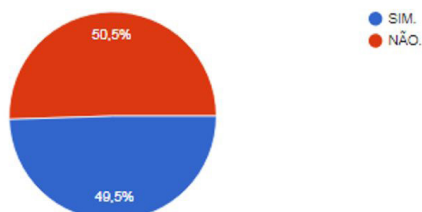


Fonte: autoria própria.

- A próxima questão sobre os recursos tecnológicos foi sobre o espaço físico em que o jovem desenvolve os trabalhos da capacitação em home office. Foi explicado na questão que se entende o espaço de estudo como: mesa e cadeira de escritório em um local reservado com pouco barulho e poucos ruídos. Não conta a mesa de jantar ou outras mesas. A maioria dos jovens (51,4%) disse não possuir o espaço adequado conforme descrito na questão.

Você possui um espaço de estudo adequado para exercício de trabalho em casa? (Entende-se espaço de estudo como: mesa e cadeira de escritório em um local reservado com pouco barulho e ruídos. Não conta mesa de jantar ou outras mesas).

99 respostas



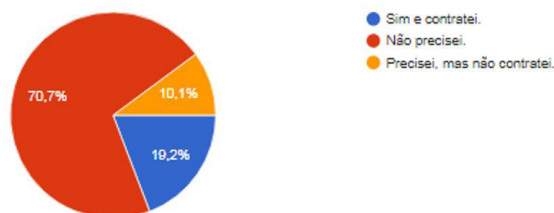
Fonte: autoria própria.

- Por último, foi questionado novamente sobre o uso da internet, se o aprendiz precisou contratar mais internet após a entrada no Programa no

contexto de pandemia para cumprir as atividades remotas. De todos os aprendizes, 30,8% disseram que precisaram de mais internet, entretanto, apenas 19,6% puderam contratar.

Você precisou contratar mais internet após a entrada no Programa no contexto de pandemia para cumprir as atividades remotas?

99 respostas



Fonte: autoria própria.

Sugestões Após a Pandemia

A vacina não deve ser a finalização da discussão da possibilidade de um sistema híbrido na Instituição investigada. O que pode ser destacado como aprendizado através dessas cinco turmas e do período da quarentena, que pode influenciar melhorias para o futuro da aprendizagem? Para isto, esse tópico será dividido em dois pontos. O primeiro) a breve análise de forma micro, isto quer dizer, a reflexão de atuação na própria Instituição; e segundo) De forma macro, visando possibilidades para a educação profissional na aprendizagem pós-pandemia.

Pensando na realidade das cinco turmas entrevistadas no formulário. Pode ser avaliada a possibilidade de elaborar um modelo que insere plataformas ao vivo. Tendo em vista que a maior parte dos jovens entrevistados possui acesso à internet e que sinalizaram conseguir ter regularidade, além dos recursos necessários.

Utilizando o mesmo plano de encontro que foi discutido nos dois tópicos anteriores, agora pode ser pensado em um modelo de sistema híbrido, baseado no exemplo do tema “Trabalho e Dimensões Humanas”. Realizar primeiramente o teste em uma turma em que os jovens possuem frequência assídua e acesso regular. Neste formato, o modelo inicial de encontro seria seguido e os jovens poderiam desenvolver as habilidades de trabalho em equipe, falar em público, entre outras. Mesmo não sendo presencial, este seria um caminho em que o aprendiz estaria no centro do aprendizado, minimizaria a questão dos plágios e tornaria o ambiente de aprendizagem mais pessoal, sensível e com abertura de diálogo.

O que torna possível a reflexão sobre o momento misto escolar que ocorrerá no Brasil após a pandemia é o conceito de Ensino Híbrido, que consiste na integração entre a sala de aula presencial e os ambientes virtuais, significando que não há uma única forma de aprender e, conseqüentemente, há outras formas também de ensinar. Existem diferentes possibilidades para aprender e para ensinar. Este conceito possui diversas metodologias de ação, algumas que podem ser inseridas

no cotidiano escolar “tradicional” (modelos sustentados) e outras que precisariam modificar toda a estrutura da escola (modelos disruptivos).

Para o cenário da instituição em quarentena e com retorno das atividades, a sugestão é uma das metodologias disruptivas para a implementação desse momento. O modelo selecionado foi o Virtual Aprimorado (ou enriquecido) que consiste em “uma experiência de escola integrada na qual, dentro de cada curso (por exemplo, Matemática), os alunos dividem seu tempo entre uma unidade escolar física e o aprendizado remoto com acesso a conteúdos e lições online”.

Este modelo não é comum no Brasil para turmas do ensino básico, porque impactaria diretamente na nossa cultura escolar. Entretanto, diante do cenário pandêmico que se instalou, pode ser a única oportunidade nos próximos meses e anos de tentar a sua implementação, como também devido ao programa não ser focado no ensino básico, mas no grupo plural da aprendizagem de 14 a 24 anos. Tendo em vista que a nossa cultura já foi modificada, portanto: Mundo Novo, Escola Nova.

Para tanto, outro elemento que se faz necessário em parceria com o modelo Virtual Enriquecido é o ensino personalizado e adaptativo. Este elemento coloca o estudante no centro do seu aprendizado. Uma escola que conseguiu adicionar e testar essa nova estrutura baseada na personalização do aprendizado, foi a rede de escolas SUMMIT na Califórnia, e dentro dessa estrutura proposta de 50% presencial e 50% online, já presente em Instituições de ensino superior no Brasil e escolas técnicas, é necessário também refletir sobre o modelo de ensino que foi implementado pela “Summit Public Schools” que visa o ensino “aprender a aprender” com o ciclo de aprendizado baseado em Definir meta; Planejar; Aprender; Mostrar o que sabe; e Refletir. O novo programa de aprendizagem pode ser baseado em projetos, personalizado e contar com os recursos tecnológicos.

Para tanto, torna-se necessário também equipar os professores para atenderem à nova demanda com recursos metodológicos. O programa de aprendizagem atual já visa à mediação pedagógica baseada na humanização e nas trocas de vivência entre os educandos.

Para equipá-los no primeiro momento, seria de grande importância fazer um acolhimento dos professores, para ouvir como eles se sentiram nesse período de ligeira reinvenção. O segundo ponto que se torna necessário é deixar em evidência que a adoção do novo formato não exclui o professor do processo de aprendizagem, porque “a presença dessas tecnologias não diminui a importância do professor nas escolas, apenas modifica o seu papel”. O Ensino Híbrido proposto também não exclui a sala de aula, mas modifica como nos relacionamos através dela; e o corpo docente precisa fazer parte efetivamente da construção desse novo modelo, com sugestões, ideias e críticas. O professor recebe o papel de “arquiteto” do conhecimento porque o virtual aprimorado aparece como uma ferramenta para direcionar o aluno com a orientação e mentoria do professor. Nessa conjuntura, a rede “Summit Public Schools” e a Fundação Lemann apontaram algumas mudanças importantes no papel do professor no ensino híbrido que se aplicam também à realidade da implementação do produto. São elas:

- 1) o professor passa de orador para facilitador, e de explicador para interventor;
- 2) Ele deve abandonar estruturas de grupos fixos e criar estratégias mais dinâmicas de agrupamento para as atividades com os jovens;
- 3) O professor precisa não focar apenas no conteúdo, mas também em habilidades e postura;
- 4) De generalista para especialista: a ideia de que os professores podem se especializar nos temas que mais os atraem. 6

Para isso ocorrer e para os professores terem maior adesão é importante também prepará-los através de treinamentos de novas habilidades como o

- 1) Planejar (criar, testar e adaptar tecnologias);
- 2) visão de assincronicidade;⁷
- 3) O professor precisará ter a busca constante pela personalização; e
- 4) ter conhecimento das diversas ferramentas e recursos fornecidos;⁸

Outro ponto que é válido destacar quanto ao olhar sensível. Em vez de nos inspirarmos apenas em modelos e resultados de países que são considerados “desenvolvidos”, mas que na verdade foram colonizadores, contribuindo muitas vezes para o resultado considerado defasado da educação que temos hoje no Brasil, por que não buscar também a inspiração de países que possuem um passado colonial semelhante ao nosso e que foram vítimas também do sistema escravocrata? Modelos mais próximos da nossa realidade e que consideram os impactos que uma má gestão pode resultar no aumento da desigualdade social, principalmente no campo da educação profissional. Assim como ocorreu no Programa de Conferências da “WorldSkills” 2015, Conferência Brasil-África para debater a educação profissional e tecnológica, que envolveram entidades representativas como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Banco Mundial, Agência Brasileira de Cooperação, entre outros.

A colocação acima baseia-se também na pesquisa realizada nas seis turmas e no recorte do programa de aprendizagem. Pode ser visto que a maioria dos jovens é normalmente de grupos que foram negligenciados no passado histórico brasileiro, ou seja, o programa é constituído majoritariamente por negros, mulheres e pobres. É necessário reforçar a necessidade da gestão continuar sendo menos tecnicista e próxima dos recursos que promovem autonomia, reflexão e acesso a esses grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado procurou traçar o perfil socioeconômico de jovens aprendizes no momento da pandemia de Covid-19, cruzando as informações sobre seu acesso aos recursos tecnológicos para participação no programa de aprendizagem. Bem como a análise documental no campo dos planos de ensino, abrangendo as metodologias pedagógicas utilizadas pela gestão e educadores de uma instituição capacitadora do Rio de Janeiro.

No que tange aos resultados, foi possível constatar que os jovens sofreram impacto devido à dificuldade de acesso em razão de suas condições socioeconômicas (isso inclui renda per capita, contextos de violência, processo de escolarização, recursos tecnológicos, recorte de perfil racial e de gênero); entretanto, a adaptação tornou-se possível, como foi apontado no gráfico em que a maioria atualmente possui acesso regular. Desta forma, foi analisada a possibilidade da inserção do ensino híbrido, dentro do modelo virtual aprimorado para o futuro da instituição capacitadora destacada.

Outra constatação que o trabalho trouxe foi acerca dos planos de ensino que visam a formação profissional e cidadã dos jovens. De forma que os novos moldes tecnológicos não se distanciam do processo de politização e cidadania, mas o hibridismo pode tornar eficaz o processo de formação no mundo do trabalho, tendo em vista que o profissional será construído para o desafio, o dinamismo e as adaptações.

Nesta pesquisa, foi utilizado o aporte teórico da lei da aprendizagem, bem como o de pesquisadores que analisam a lei, seus desdobramentos e sua importância no processo histórico de luta pela garantia legal do trabalho regularizado e digno. Também foram utilizados autores para discutir os dados da análise documental, com o viés pedagógico, tendo em vista que se tratava de planos de ensino. Assim como autores que contribuíram para a análise de questionário e a pesquisa quantitativa em si.

Dessa maneira, o trabalho apresentou os resultados da pesquisa de perfil e as possibilidades de diretrizes pedagógicas para os próximos anos, inspiradas pelas experiências dos momentos de antes e durante a pandemia, considerando o contexto das juventudes atendidas pela Instituição, e cumprindo com os requisitos listados pela lei da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, Edemar Amaral. JÚNIOR, Adail Sebastião Rodrigues. A sala de aula sob o olhar etnográfico: um estudo de caso. *PRESENÇA PEDAGÓGICA*, v.11, n.63, pp. 46-53. maio/jun. 2005.
- VIÉGAS, Lygia de Sousa Viégas. Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em Psicologia e Educação. *Diálogos possíveis*. jan/jun, 2007. pp. 101-123.
- FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. Universidade da Madeira. 2005. pp. 1 - 10.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- LUCK, Heloisa. *A Gestão Participativa na escola*. Série Cadernos de Gestão – vol. 3. 2006. p. 125.
- MANZATO, Antonio José. SANTOS, Adriana Barbosa. Departamento de Ciência da Computação e Estatística – IBILCE – UNESP. *A Elaboração De Questionários*

Na Pesquisa Quantitativa. 2012. p.1-17.

“Aprendiz CIEE: O que nos disseram os jovens que concluíram o programa”, perfil sociodemográfico. Data folha Instituto de pesquisas. <https://portal.ciee.org.br/pesquisa/aprendiz-ciee-datafolha/>. 2018.

BACICH, Lilian. MORAN, José. “Aprender e ensinar com foco na educação híbrida”. Revista Pátio, nº 25, junho, 2015, p. 45-47.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. “Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos”. Clayton Christensen Institute. p. 20 – 31. Maio, 2013

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Manual da Aprendizagem: o que é preciso saber para contratar o jovem aprendiz. Brasília: TEM, SIT, SPPE, 2006.

GONÇALVES, Ana Lúcia de Alencastro. “Aprendizagem profissional: trabalho e desenvolvimento social e econômico”. Trabalho, Emprego e Renda. Estud. av. 28 (81). Ago 2014.

CASTRO, Carla Pinheiro de. A Lei do aprendiz e a inclusão de jovens no mercado de trabalho. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2007. P. 1-85.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. “Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos”. Clayton Christensen Institute. p. 20 – 31. Maio, 2013

BACICH, Lilian. MORAN, José. “Aprender e ensinar com foco na educação híbrida”. Revista Pátio, nº 25, junho, 2015, p. 45-47.

ANDRADE, Claudia. ABRANCHES, Ronaldo. CARVALHO, Thaís. “Trabalhabilidade e a experiência como norteadores no desenvolvimento da segunda carreira.”. VI Congresso Nacional de excelência em gestão: Energia, Inovação, Tecnologia e Complexidade para a Gestão Sustentável. Niterói, Rio de Janeiro. 2010.

CORSETTI, Berenice. “A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do programa de pós-graduação em Educação da Unisinos”. UNIrevista, vol. 1, n.º 1: 32-46. Janeiro, 2006. Rio Grande do Sul.

GRAF, Elenir. “A evolução histórica e legislativa do trabalho do menor”. UNIVALE, Itajaí. 2008. p.1-86.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao MBA/USP pela oportunidade de formação a distância com excelente nível de ensino, estrutura e qualidade. Agradeço à minha orientadora Flávia Pierrotti, que mesmo entrando nessa jornada na reta final, abraçou meu trabalho, me direcionou e realizou uma orientação técnica e impecável. Agradeço

à instituição capacitadora pesquisada, assim como aos jovens envolvidos com o trabalho, pela abertura, permissão e flexibilidade. Agradeço a Deus e a mim mesma, porque só nós sabemos de todas as lacunas e aprendizados do percurso até chegar aqui.

APÊNDICE

Seção 1 de 2

Formulário para Perfil de jovens

Formulário elaborado pela educadora Raquel Games para construção de perfil e análise das turmas vigentes sob sua gestão na capacitação teórica do programa aprendiz legal. Objetivo do formulário: contribuição em pesquisa quantitativa de TCC, no MBA/USP.

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu estado civil?
3. SEXO (Entende-se o sexo biológico atribuído no seu nascimento)
4. Qual o gênero que você se identifica?
5. Qual é a sua turma?
6. Qual é o bairro que você reside?
7. Nacionalidade
8. Naturalidade
9. Como você classifica a condição sócio-econômica do seu bairro?
10. Você já foi vítima de furto no seu bairro de moradia?
11. Você já foi vítima de roubo no seu bairro de moradia?
12. Você já foi vítima de agressão física no seu bairro de moradia?
13. Você já foi vítima de operações policiais no seu bairro de moradia?
14. Qual é a sua cor ou grupo étnico/racial?
15. Qual é o seu nível de escolaridade?
16. Você teve contato com o tema “Projeto de vida” no período da escola? (Ensino Fundamental ou Médio)
17. Você teve contato com o tema “Saúde e sexualidade” no período da escola? (Ensino Fundamental ou Médio)
18. Onde você cursa/cursou o ensino fundamental?
19. Onde você cursa/cursou o ensino médio?
20. Você tem algum curso técnico? (Não engloba o curso da capacitação teórica do Programa Jovem Aprendiz).
21. Você tem filhos?
22. Com quem você mora?
23. Quantas pessoas moram na sua casa contando com você? (Incluindo crianças)

24. Qual é o seu curso/área na capacitação teórica do programa jovem aprendiz?
25. Você pretende ser efetivado na empresa que atua?
26. Você pretende continuar trabalhando ou estudando na área do curso que exerce no Programa Jovem Aprendiz?
27. Qual é a sua renda familiar mensal?
28. Através do salário e benefícios do programa Jovem Aprendiz, você ajuda a complementar a renda em sua casa?
29. Exerce algum trabalho além de Jovem Aprendiz?
30. Você começou a trabalhar formalmente com quantos anos? Se sim, informe também a atividade que desempenhou. Se não, responda “não”.
31. Começou a trabalhar informalmente com quantos anos? Se sim, informe também a atividade que desempenhou. Se não, responda “não”.
32. Qual é sua data de início no Programa Jovem Aprendiz?
33. Qual tem sido a principal mudança na sua vida após a entrada no programa?
34. Por que você procurou o programa jovem aprendiz?

Seção 2 de 2

RECURSOS TECNOLÓGICOS

Quais recursos tecnológicos você utiliza para realizar as atividades da capacitação teórica?

1. Qual conexão da internet você mais utiliza?
2. Quais são os equipamentos que você utiliza para realizar as atividades da capacitação teórica?
3. Você manuseava com frequência a ferramenta tecnológica E-MAIL antes de vivenciar o período de pandemia na Instituição Capacitadora?
4. Qual a sua maior dificuldade para participar dos encontros remotos?
5. Você possui um espaço de estudo adequado para exercício de trabalho em casa? (Entende-se espaço de estudo como: mesa e cadeira de escritório em um local reservado com pouco barulho e ruídos. Não conta mesa de jantar ou outras mesas).
6. Você precisou contratar mais internet após a entrada no Programa no contexto de pandemia para cumprir as atividades remotas?